

Publicações do Cidehus

Paisagens sonoras históricas

Retalhos de paisagem sonora em Évora (1820-1910)

**Maria de Fátima Nunes, Sara
Albuquerque et Cármen Almeida**



Résumé

No âmbito do *Projeto PASEV Patrimonialization of Évora's*

Soundscape (1540-1910) ALT20-03-0145-FEDER-028584 / LISBOA-01-0145-FEDER-028584 desafiamos fontes e materialidade oitocentista eborense para caracterizar as novidades sonoras do espaço público aberto pela Revolução Liberal de 1820, em Portugal. Assim, nesta incursão pela janela da cidade de Évora, proponho-nos fazer o recorte local de sonoridades trazidas pela sociabilidade do Passeio Público – Jardim Público e, em contexto nacional de comemorações de Camões, momento seminal de 10 de Junho de 1880. Usando cruzamentos de fontes - à imprensa - local, regional, nacional - indagando arquivos públicos, com especial destaque para o Arquivo Fotográfico da Câmara de Évora, e visitando a toponímia, escutando as vozes do passado presente no inesgotável Boletim da Cidade de Évora. E a investigação conduziu-nos à não confirmação de uma das hipóteses fortes da investigação, o 10 de Junho. Em contrapartida o 1º de Dezembro assumiu-se como o tempo local celebrativo, englobante da população no território, gerando diversas configurações de paisagens sonoras em espaço público liberal, na cidade de Évora. O recurso ao conceito operatório de *biopolítica* permitiu-nos enquadrar, e analisar, a vertente empírica da investigação, evidenciando a necessidade de relançar o equilíbrio de forças entre o global e o local. Deste modo, a paisagem sonora foi o terreno fértil das movimentações desta investigação.

Within the scope of the Project PASEV Patrimonialization of Évora's Soundscape (1540-1910) ALT20-03-0145-FEDER-028584 • LISBOA-01-0145-FEDER-028584 we challenged sources and material from the 19th century to characterize the sound innovations of public space opened by the Liberal Revolution of 1820, in Portugal. Thus, in this incursion through the window of the city of Évora, we propose to make the local clipping of sounds brought by the sociability of the Public Garden and, in the national context of commemorations of Camões, at the seminal moment of June 10, 1880. Using crossed historical sources - press - local, regional, national - inquiring about public archives, with special emphasis on the Photographic Archive of the Évora Town Hall, and visiting the name of the streets, listening to the voices of the past present in the inexhaustible Bulletin of the City of Évora. And the investigation led us to not confirm one of the strong hypotheses of the investigation, the 10th of June. In contrast, the 1st of December was assumed as the celebratory local time, encompassing the population in the territory, generating different configurations of soundscapes in a liberal public space, in the city of Évora. The use of the operative concept of biopolitics allowed us to frame, and analyze, the empirical aspect of research, highlighting the need to relaunch the balance of forces between the global and the local. In this way, the soundscape was the fertile ground for the movements of this investigation.



Entrées d'index

Keywords :

soundscape, public space, Évora, Liberalism, 19th century

Palavras-chave :

paisagem sonora, espaço público, Évora, Liberalismo

Texte intégral

Diálogos com paisagens sonoras: desafios e percursos

- 1 Cruzar paisagens sonoras com contextos de história europeia, em dimensão local levanta vários desafios e abre muitos caminhos para historiadores da cultura e ciência. Tomar o espaço de Évora, cidade no século XIX, até aos alvares do século XX, no sentido de entender como o poder político – em ação no espaço público de uma cidade de longa duração civilizacional – foi moldando a paisagem de sons nas configurações de paisagem sonora nas vivências das populações (MACMILLAN, 2010)¹. A biopolítica pode, em nosso entender, também ser uma ponte para exercitar a tentativa de construção de narrativas de paisagens sonoras, de acordo com os padrões interdisciplinares da área científica da música e da musicologia, em tempos de fazer implantar um tempo de poder liberal, nacional vs. nacionalista, apoiado na racionalidade abstrata do Estado, quer de poder central quer de representatividade de recorte local: Évora, território e comunidade em tempos de implantação de liberalismo e de rasgar vários caminhos para o espaço público. Tanto pode ser a nova apropriação de Praça do Giraldo, para representatividades políticas liberais, como as sonoridades decorrentes da abertura do Jardim Público – o Passeio Público eborense – com o seu coreto na centralidade de aves canoras e risos de água. Ou o poder social e político que fez erguer o Teatro Garcia de Resende, criando uma outra centralidade, um espaço



público de um teatro se que torna palco para moldar (domesticar) géneros e estéticas musicais. Ou, o silvar do apito do comboio quando este chega à cidade em finais de oitocentos, para lá do Rossio de S. Braz, mas perto do espaço da anual feira de S. João. Factos, acontecimentos da história da cidade que se cruzam com permanências seculares de uma cidade medieval, que ainda hoje vibra com as doze badaladas do sino do pico da sua catedral². Moldar e adaptar rituais de permanência identitária de território tridentino da Europa do Sul com a inovação racionalista de um tempo de liberalismo e de cidadania para o bem utilitário e o somatório de bens comuns, bem de acordo com Jeremy Bentham e o utilitarismo setecentista que tanto vingou no liberalismo da civilização ocidental. A aproximação de fontes³ – e o calcorrear das ruas da cidade (QUEIMADO,1975; MENEGUELLO, 2007) – fez-nos olhar com criatividade a recente literatura de *mainstream* de paisagens sonoras, campo epistemológico e interdisciplinar que se tem desenvolvido fortemente neste novo milénio de tempos XXI.

- 2 Das leituras cruzadas feitas aos textos seminais e estruturantes de paisagem sonora (SCHAFER, 1969; 1994; GUTTON, 2000; KELMAN, 2010; BAKER; KNIGHTON, 2011; MÚSICA, 2013; AUGUSTO, 2014; PAULA, 2017) lançamos a nossa atenção para outros contributos que nos envolveram no tempo longo, mas abriram pistas para hipóteses temáticas de uma paisagem sonora de Évora no século XIX. É o caso da cidade de Granada (GRACIA,2003)⁴, convida a combinar água, com natureza e jardins, algo que podemos transpor para o século XIX, como viagem no tempo, percebendo as novas funções de natureza em jardim público, como forma de exercer a biopolítica de um sistema constitucionalista e com representatividade no município da cidade de Évora. O cotejo de fontes históricas, acompanhado do calcorrear do espaço no século XX, vivificando a toponímia de longa duração, em contexto de leituras historiográficas sobre as diferentes dinâmicas da sociedade liberal eborense



(SALGUEIRO, 1992; FONSECA 1996; RISCOS DE UM SÉCULO, 2001; ARQUIVO MUNICIPAL. CADERNOS, 2010; RUSSO,2017), conduziu-nos também à sondagem de imaginários e de narrativas sonoras fabricadas pelo poder político (OTONDO, 2018).

- 3 No tempo académico de colocar as questões que queremos tratar neste ensaio de historiadores, numa agenda de paisagens sonoras, queremos deixar muito claro a importância que a leitura e a reflexão do artigo de Felipe Otondo (OTONDO, 2018) teve para a organização do trabalho e para as questões que pretendemos deixar como hipóteses de investigação para os tópicos seguintes, combinado com os contributos de Rodrigo Teodoro de Paula (PAULA, 2017), membro da equipa PASEV, hábil sedutor musicólogo para nos familiarizar com sentidos, estéticas e significados de paisagens sonoras, conceito e conteúdos. Através do seu contributo para a equipa PASEV foi confortável para historiadores de cultura e da ciência de temporalidade contemporânea entrar no travejamento de paisagem sonora e na história do conceito, através de conhecimento, indireto para nós, de pais fundadores, com particular destaque para o canadiano Murray Schafer que nos conduz à teia de genealogia de Autores ao ano de 1968, a Michael Southworth que usa pela primeira vez a terminologia de «paisagem sonora» de acordo com leitura de Fernando Otondo (OTONDO, 2018). Uma proposta transdisciplinar, combinando aspetos técnicos e tecnológicos de música, arquitetura, composição musical, literatura, psicologia. Seguimos de muito perto Felipe Otondo; acrescentamos neste projeto o papel dos historiadores que olham os patrimónios – cultural, natural, imaterial - neste cadinho epistemológico de construir saberes de paisagem sonora focados num território: Évora século XIX, viragem para a República de 1910 (ARQUIVO MUNICIPAL. CADERNOS, 2010). Neste foco elegemos o campo disciplinar aberto pela paisagem, pelo ambiente histórico recriado pelas fontes, pelos silêncios e ruídos que a urbe produzia num tempo de mutação social, económica



e política. Dirigimos atenção para os sons da Natureza – simbolizada nos jardins implantados no espaço urbano de oitocentos, estabelecendo antropologias de simbologia e de imaginários de cultura urbana barroca (BOMBI; CARRERAS, 2005) com significado de paisagens sonoras que existem nas nossas vivências de II milénio. Aqui destacamos a rúbrica Museus em Diálogo (MUHNAC-UL), no episódio em que se reflete sobre as paisagens sonoras de jardins dentro de cidades (Lisboa e Porto) numa conversa entre Marta Lourenço (MUNHAC-UL) António Gouveia (Fundação Serralves)⁵. De forma a podermos dar materialidade às nossas propostas, moldamos o corpo e forma das ideias através da informação retirada em fontes históricas, nos arquivos referentes à primeira cidade portuguesa classificada como Património da Unesco.

4 O fascínio de configurar esta pauta de investigação para o território contemporâneo de Évora – o tempo de pós Revolução Liberal de 1820 (CARDOSO, 2019) - e conversando com o elemento *natureza* da paisagem urbana, desvendando traços do seu carácter historicista. Neste contexto de século XIX e de dealbar do tempo republicano de 1910 articulam-se as inquirições certas aos fundos de arquivos da cidade e às prolixas publicações que são identitárias da cidade – os seus mitos e os seus personagens de erudição local: Túlio Espanca, Silva Godinho⁶, *Boletim da Cidade de Évora*. Personalidades vivas do território identitários fulcrais para a realização de uma arqueologia das palavras para encontrar as coisas (FOUCAULT, 1999) que componham as paisagens sonoras sobrepostas num território e numa comunidade em trânsito de modernidade e em tensão para preservar a memória de tempos milenares, de temporalidades medievais, renascentistas e de um tempo de procissões e de excessos barrocos nas igrejas e nas ruas, em tempos de ritualizações de Contra Reforma.

5 Para nós – historiadores – o desafio era encontrar o fio para uma narrativa de paisagem sonora em diálogo com os momentos de ritualização de poder e os quotidianos de



classes populares, as vivências das elites burguesas (BERNARDO, 2001), e.g., Casa Barahona e a socialidade artística e musical, (COMEMORAÇÕES, 2005; ZOZAYA-MONTES, 2019). E do espaço urbano visualizam-se as elites rurais de um território do perímetro da cidade, com respaldo no Cemitério junto Convento dos Remédios e no Teatro Garcia de Resende, erguidos e moldados de forma biopolítica, também como forma de marcar território urbano. É neste exercício que inserimos os nossos objetivos: marcas de inovação de paisagem sonoras em Évora no século XIX, tendo em conta as transformações políticas que a centúria de oitocentos trouxe à Europa, a Portugal e a Évora. Permanências e as inovações que delinearam novos contornos de paisagem sonora local, num território, numa comunidade identitária, com longa duração. O que nos permite ver os frescos quotidianos de Évora oitocentista. É o resultado deste exercício que apresentamos nas próximas sequências.

Évora e paisagem sonora no liberalismo oitocentista – mutações e permanências

- 6 Trabalhar paisagem sonora enquanto historiadoras confinadas a um território de cidade oitocentista – Évora - obriga-nos a focar nas modelações de temporalidade histórica de Portugal e da Europa que se refletiram em Évora. Ultrapassados os nefastos incidentes das Invasões Francesas, Évora desperta com o Liberalismo para o novo regime – os cidadãos usufruem do espaço público, seja o do Rossio, seja o da Praça do Giraldo, seja, já no último quartel do século XIX, do Jardim Público e do Teatro Garcia de Resende.
- 7 Este projeto conduz-nos para territórios epistémicos de sonoridade, privada e pública, num tempo de longa duração, do Renascimento vs. Contra Reforma à implantação da Republica⁷. O itinerário de materialidades sonoras, que se foram registando na longa duração do Antigo Regime, não se eclipsa nem pela Revolução Vintista



de 1820, nem pelo vigor universal da Constituição de 1822, prestígio das gentes locais do Município de Évora⁸. O século XIX português, de Europa Mediterrânea e do Sul, vai continuar a ser marcado pelo toque de sinos, em igrejas e conventos, pelos rituais de procissões, pela música tangida em ambientes privados, aristocratas e burgueses. Um universo que se coaduna com paisagens sonoras de rua, com outros sentidos, outros significados. As bandas militares (RUSSO, 2017), celebrações sonoras a visitas reais, as récitas operáticas no Teatro da cidade, os pianos dedilhados em casa privadas, o coreto com música pública, os jardins com novas sonoridades vindas do exotismo de aves canoras extraordinárias (ÉVORA COM CIÊNCIA. PERCURSOS, 2019).

- 8 Uma consulta à historiografia vintista dá-nos a abertura de tempos de rutura, porque uma Revolução política, económica, social, cultural e ideológica ocorreu, trazendo ventos de liberalismo de uma Europa francesa e inglesa, e depois seguindo a par ao longo do século XIX com as transformações das sociedades da velha Europa das Luzes (CARDOSO, 2019). O Liberalismo trouxe alterações de espaço privado – espaço público. As relações entre o papel do privado e do público na sociedade liberal, vão-se alterar, ganhando foros de importância para ritualizações do poder político, religioso e social o espaço público (GOODMANN, 1992).

Passeio Público – Jardim Público

- 9 Ouvir sons da natureza na temporalidade longínqua foi a prática realizada com a paisagem sonora presente no documentário de Cristiana Martins, disponibilizada no *Expresso on line*, para sinalizar a saída dos monges cartuxos do convento da Cartuxa (MARTINS, 2020)⁹. Foi fácil imaginar paisagens sonoras de natureza, o som do vento, a melodia da água correndo, os interlúdios de silêncio, o murmurar das folhas e dos galhos de árvores e, até, o cascalho do chão térreo sussurrar sob os pés dos



caminhantes. Exercício entre uma paisagem sonora real e uma paisagem sonora imaginada, para o século XIX. É nesta paleta de narrativas imaginárias que entramos no Jardim Público de Évora, anteriormente designado de *Passeio Público*, e que cobre uma área de cerca de três hectares, tendo sido iniciado em 1863 sob a direção do arquiteto e cenógrafo Giuseppe Cinatti (1808-1879)¹⁰. Uma ambição da elite eborense – consagrada na voz da revista *Boletim da Cidade de Évora* e do seu comissário erudito, Túlio Espanca - aliada, na década de 1860, ao interesse da Câmara Municipal e à ação mecenática de José Maria Ramalho Dinis Perdigão, grande proprietário e lavrador alentejano. O Passeio Público foi sendo delineado, ocupando-se para o efeito terrenos *amatagados* junto dos baluartes de século XVII do Rossio de S. Brás. Neste movimento de modernidade urbana para a cidade de Évora, Cinatti que teve um papel importante na redefinição de fronteira entre espaço rural e espaço urbano na cidade de Évora burguesa, em crescimento económico oitocentista. Entre o tradicional / rural e a inovação urbana com novas disposições, trouxe para o espaço de crescimento da cidade a importância dos espaços verdes, um desenvolvimento urbano pautado pelo serpentear de espaços verdes, de árvores exóticas, povoados de novas sonoridades canónicas de aves exóticas, alocadas no Jardim Público, vs. Passeio Público (SALGUEIRO, 1992; RUSSO, 2017), envolvendo o Palácio D. Manuel, num claro misto de cruzar as permanências com as inovações liberais oitocentistas, na cenografia da paisagem sonora para as vivências eborenses. Cinatti foi ainda responsável, a partir de 1863, ao Palácio Ramalho Barahona, delineou o Jardim Público e reconstituiu, junto da muralha da cerca nova, as ruínas fingidas, cujos materiais, de mármore e granito, formados por janelas e portais geminados, da arte manuelina, haviam sido recuperados do demolido solar dos condes de Vimioso, situado no Largo D. Miguel de Portugal, sobranceiro ao claustro gótico da Sé. Ainda, a sua obra mais delicada, e tecnicamente perfeita, foi o



restauro e recuperação do Templo Romano.

- 10 Revigorava-se, pois, a definição de um novo espaço social, e um dos símbolos da civilização burguesa oitocentista foi o já muito referenciado Passeio Público, local privilegiado de sociabilidade da elite eborense. As correntes do romantismo e do naturalismo conduziam para o contacto com os espaços abertos e arborizados. O Passeio, com acesso pago através de bilhete, era um espaço de encontro social. Este espaço social reproduz o ideal de jardim romântico, característico da segunda metade do século XIX, onde a vegetação exótica, a água (lagos e fontes), a música (presença do coreto) e a evocação cenográfica (*ruínas fingidas*) se combinam, dando origem a uma paisagem sonora, numa clara teia de unir memórias de tempos históricos diferenciados (GRACIA, 2003). A água, como elemento vital e como símbolo da cidade, de importância determinante nos edifícios religiosos, permite-nos falar da sua sonoridade no espaço público de Évora (ROSA 1926; 1949). As marcas de água na cidade – a sua paisagem sonora – não desaparecem. Soma-se sempre ao já existente, que é respeitado, mantido na malha e no tecido urbano.
- 11 Évora vivenciava um novo *despertar da cidade* (ARQUIVO MUNICIPAL. CADERNOS, 2010), tendo em conta a centralidade de sociabilidade que o Jardim Público tinha, começando a integrar-se, a impor-se na paisagem da cidade, a fazer parte do seu ADN, possibilitando a ligação entre a natureza e industrialização, esta emergente nas bordas da cidade. O Jardim, um espaço social que se visita para se ver e ser visto, um espaço de lazer onde a paisagem arbórea, as sonoridades das aves, as bandas filarmónicas e a água que se vê e se ouve. Sinais de um tempo em que as senhoras burguesas romperam a fronteira de suas casas e de espaços privados. Rompe-se com o espaço interior e envolve-se a rua com novos sons, neste caso, o Jardim Público e os seus concertos regulares, pretexto de sociabilidade para as deambulações de lazer para as mulheres eborenses...



- 12 Ambientes que coloriam, visual e sonoramente, o som pacífico e mítico do elemento ÁGUA. E na centralidade do Jardim Público ergue-se como elemento artístico de arquitetura do ferro o coreto (ESPANCA, 1980-81), inaugurado a 20 Maio 1888, palco de sonoridades e de civilidades públicas diversificada (RISCOS DE UM SÉCULO, 2001). Um espaço, enquadrado pela natureza dentro da urbe, destinado a encenações e concertos de paisagens associativas, coordenadas pelos diferentes poderes da cidade (RUSSO, 2017). A materialidade cénica do coreto, no Jardim Público, permite-nos, também, olhar para a cidade de Évora como um laboratório de ensaio para paisagem sonora e a sua articulação com os ventos da contemporaneidade, desde o século XIX, até à implantação da República laica, em 1910, modelando no espaço público as vozes sonoras de sons religiosos quotidianos, ou ritualizados pela escatologia da Igreja Católica com as novas sonoridades dos «Riscos de um Século».

Évora, sociabilidades públicas. Uma biopolítica do 10 Junho 1880/ 1 de Dezembro

- 13 Espaço, política e cultura: um trio de complementaridades e competências diferenciadas que aglutinam informação sobre construção imaginária (e real) paisagem urbana com sinais de cultura pública eborense, contribuindo para a construção social e cultural de outras memórias de oitocentos¹¹, usando fontes/ testemunhos informativos cruzados de «velhos» testemunhos sonoros com «novos» indicadores de paisagem sonora urbana oitocentista. Tendo em conta que o nosso foco é o da História Contemporânea – o tempo de rasgar o espaço público, no arco cronológico do Liberalismo até à República. Tarefa que implica explorar novas perspetivas sobre as manifestações e prática culturais no burgo eborense – espaço público/ círculos de sociabilidade em espaço público (BERNARDO, 2001).



- 14 Como cruzar o elemento político com o cultural, numa base de olhar social? Fazendo despoletar vários mecanismos metodológicos da oficina da História. Deste modo fomos cruzando a cronologia nacional / local de história cultural e política com espaço público e espaço privado. Recorremos aos testemunhos informativos locais, registados, mitificados, na imprensa de época e na revista da cidade Património da Unesco – *Boletim da Cidade de Évora*¹². À coleção existente lançamos uma matriz informativa para recolha de observação para rituais com sonoridades pública, para práticas culturais de paisagens sonoras, pública e em espaço privado. Foi possível registar e interpretar a existência de permanências de «*old regime*» no espaço público liberal de oitocentos; os novos tempos, os novos registos, com a emergência e triunfo da imprensa local e regional, mas com a atenção de perceber os sinais de persistência que se combinam com a inovação e as materialidades dos novos tempos político-culturais.
- 15 A invenção nacional do dia de Camões, 10 de Junho 1880, pode ser considerada um *turning out point* na edificação da ideologia republicana, no alimentar dos interesses nacionais e nacionalistas, de um Portugal europeu mas como que se assume nacional e internacionalmente como potência colonial. A centralidade do Estado no Terreiro do Paço – Lisboa – impôs gramáticas comemorativas de intemporalidades não imaginadas¹³. Pretendíamos entender como esta prática comemorativa imposta a partir de Lisboa se havia articulado no espaço público de Évora, tendo em conta as diversas cenografias efémeras, de enorme grandiosidade de espetacularidade sonoras, muito marcadas pela paisagem das bandas militares (ALMEIDA, 2007).
- 16 Dentro do travejamento metodológico e conceptual, inicialmente referenciado - biopolítica e população – partimos em busca na imprensa local e regional – complementado com as vozes de que nos chegam do Arquivo Fotográfico da Câmara Municipal de Évora. O 10 de Junho a partir de 1880 tinha que estar muito presente



no espaço público de Évora, evidenciando os afetos da Pátria (CATROGA, 2013).

- 17 O peso da centralidade de Lisboa, do poder que tem arquétipo de impor as insígnias de identidade nacional a todo o território e população que se encontram sob a alçada da Carta Constitucional. Desafiamos fontes e a materialidade oitocentista eborense para seguir o itinerário festivo, ritualizado das comemorações do dia 10 de junho de 1880. A Praça do Giraldo sempre foi a grande sala de visitas da cidade, o palco de cenografia renascentista que acolhe e promove rituais políticos e celebrativos. Um espaço público com moldura de espaço privado, para a cidadania eborense. Olhando a imagem 1, percebemos como a paisagem sonora da cidade se podia transformar em acontecimentos celebrativos, de imperativos político-militares, mas facilmente moldáveis para outras configurações culturais e sociais, com cenografias de paisagens sonoras diversificadas.

Imagem 1 - «Despedida à Nobre Cidade d'Évora. Pelo Destacamento d'Infantaria nº 4 em 22 Outubro de 1886»



- 18  Arquivo Fotográfico CME©
A Praça do Giraldo era, pois, o enquadramento cenográfico

que imaginámos para o dia 10 junho de 1880...! Contém todos os elementos que estamos habituados a consultar em memória de imagens, sobretudo os que nos preenchem o imaginário de Lisboa, Praça de Camões, no momento de ali chegar o Cortejo Cívico; desenho immortalizado pela capa da revista *O Occidente* ¹⁴. Partimos em busca de imagens, de notícias jornalísticas aprimoradas sobre o grande dia 10 de Junho 1880 e folhearam-se, devotamente as páginas dos jornais eborense¹⁵, almejando encontrar narrativas vivas de dinâmicas das comemorações do 10 de Junho, anualmente, na Praça do Giraldo, na cidade de Évora. O resultado apurado: uma imagem austera, cinzenta, esquecida, colorida por fontes informativas sobre uma estátua de Camões em pasta de papel que se desmaterializou face à bâtega de chuva que se abateu em Évora no dia 10 de Junho de 1880. A imagem 2 encerra toda a secura de uma cenografia não realizada, de uma paisagem sonora inexistente na configuração renascentista da Praça do Giraldo, a intemporal joia urbana do espaço público de Évora.

Imagem 2 - Évora. Praça do Giraldo, 10 junho 1880 ou a sonoridade do vazio, político, cultural, social



Prova de Arquivo. AF-CME©. Esta imagem pertence à coleção do Grupo Pró-Évora, colocada em depósito no Arquivo Fotográfico da CME©

- 19 Em jeito de paráfrase da prova fotográfica de Arquivo, juntamos a informação colhida em *A Cidade de Évora*. Évora. Praça do Giraldo. 10 de Junho 1880. Chovia! A estátua efémera feita em massa de papel levantada na Praça do Giraldo por altura das comemorações do tricentenário da morte de Luís de Camões desfez-se. Segundo Joaquim Augusto Câmara Manuel,

«Em 1880, pelo tri-centenário da morte de Camões, os eborenses pensaram em homenagear (...) a memória dos auctor dos Lusíadas. (...) Ao centro do taboleiro da praça do Geraldo, sobre uma alta columna, foi colocada a estátua que devia ser uma reprodução da inaugurada em Lisboa. Não se lembraram, porém, os conspícuos homenageantes, da irregularidade do tempo nesta região, pelo que uma inesperada noite de chuva encurtou a fixada duração à estátua que, consternados, viram transformada em informe massa». (*Boletim A Cidade de Évora*, Ano 1, nº 1, Dezembro de 1942, pp. 33-34).

- 20 As memórias emotivas são abundantes havendo ainda sinais de manifestações musicais na Praça do Giraldo, no Templo de Diana, no Largo de S. Domingos, no Largo da Porta Nova, com destaque especial para o grupo musical Sol-e-Dó (ROSA, 1948). Mas da noite celebrativa da identidade nacional – camoniana – em Évora ficou a sonoridade das chuvas de uma noite de Junho, 1880, na memória coletiva dos eborenses.

- 21 Ao silêncio camoniano sucedeu a efervescência informativa do 1 de Dezembro em Évora, de forma a deixar claro na população da cidade a importância das *Alterações de Évora de 1637*, conhecidas como a revolta do Manuelinho, evocando o herói de identidade local, com futura projeção nacional, a partir de 1640. Sinais de construção positivista de *afectos de pátria local*, parafraseando Fernando Catroga (CATROGA, 2013), percepção de uma dimensão de memória e de afetos locais, urbanos, eborenses,



construindo paisagens de afetividades pátrias em Évora fim de oitocentos. Sob o signo da memória épica de *O Manuelinho* jornal local, faz-nos percorrer as ruas e as temporalidades da cidade, por tempos de evocar o 1 de Dezembro, em tempos de heróis do Positivismo e do nacionalista, neste caso de recorte de uma população em território. Percorrer a literatura oficial eborense dá-nos informação consistente e diversificada sobre a biopolítica e a paisagem sonora do dia da Restauração em Évora (1 de Dezembro). Seguindo o repositório informativo de Silva Godinho (GODINHO, 1980-81: 108-113)¹⁶ obtemos com informação musical para o 1 Dezembro no Teatro Garcia de Resende, com ritualizações impostas para as vivências culturais da cidade nesse dia celebrativo. Seguindo o repositório informativo de Silva Godinho,

«O 1º Dezembro cujas comemorações se ficaram a dever a uma comissão de estudantes, foi assinalado com alvorada, bodo aos pobres, sarau literário [.....] *Te Deum* na Igreja do Espírito Santo [...] Durante o dia realizaram-se concertos na Praça do Giraldo e de D. Pedro, ouvindo-se com frequência o Hino da Restauração nas ruas da cidade pelo Grupo Sol-e-Dó, Charanga de Cavalaria 5, Bandas da Casa Pia, Alunos de Minerva, 1º Dezembro e Academia de Minerva [...] E tudo termina com invento farmacêutico – iluminação a luz de gaz...- 1 Dezembro 1881»(GODINHO, 1980-81: 112).

- 22 Deste modo é possível pensar no laboratório oitocentista político – cultural urbano de Évora, decorrente da construção de paisagem sonora dos múltiplos agrupamentos festivos existentes, com a presença da Banda da Casa Pia, da Banda da Academia de Minerva, da Banda 1º Dezembro (executando a marcha «Marquês de Pombal», de Ciríaco Cardoso), da Banda da Academia de Minerva, orquestrando o concerto na varando dos Paços do Concelho e no Jardim Diana, com balões e fogo de artifício. Cenografias visuais e musicais na evocação do 1º de Dezembro em Évora, em tempo de construção de identidades. E assim fizemos a ponte com o que no início



estabelecemos, a longa duração, as invisibilidades e as emoções locais que se conjugam e que contribuem para entendermos as paisagens sonoras na longa e na curta duração, nas permanências e nas ruturas e inovações no tecido urbano, cultural e político. Tópicos que é necessário ter em linha de conta quando estamos a seguir o tempo das transformações oitocentistas. O recorte de História Contemporânea em Évora: 1820-1910. E a aceleração de um tempo de comemorações decorrente das revoluções contemporâneas, de forma a propiciar a abertura de espaço público para manifestações públicas musicais, em diálogo com o espaço do sagrado, interior (conventos, igrejas), e externo, nas ruas, nas grandes ritualizações da Igreja Católica, e.g. procissões litúrgicas e o repicar mimético dos sinos das igrejas pela cidade. O passado e o presente entrelaçado a forjar miríades de tonalidades de paisagens sonoras.

Olhar para as fotografias com outros ouvidos¹⁷

- 23 Vamos, pois, em guisa de conclusão olhar para as fotografias com outros ouvidos, retornando às duas imagens da Praça do Giraldo, no sentido de ouvir a sonoridade do local. Numa, repleta de gente alinhada e perfilada para a produção de sonoridades públicas com ecos políticos locais e nacionais; a outra, com um silêncio e um vazio de ensurdecer, quando esperávamos exatamente o contrário, tomando como imaginário a Praça Luís de Camões, em 10 de Junho de 1880. Este contraste visual que nos entra pelos ouvidos obriga-nos a usar a instrumentação da biopolítica virada para a população, neste caso de um território, a sul do Tejo, numa cidade de cruzamentos culturais e civilizacionais milenares, com identidade própria e que usa os pretextos políticas para se afirmar, configurando sonoridades com autonomia, com capacidade de «agenciar» os ouvidos dos coevos e os nossos ouvidos de hoje, em regresso ao passado. O périplo



que este ensaio no PASEV nos proporcionou permitiu-nos refletir entre o global e o local, quando buscávamos referências informativas para narrativas de novas sonoridades em espaço público aberto para os cidadãos consagrados pela Constituição de 1821 e com direitos e garantias salvaguardada pelas diferentes configurações da Carta Constitucional, travejamento político da Monarquia até 5 de Outubro de 1910.

24 O global – nacional, europeu, exótico, romântico, naturalista, positivista, de republicanismo – cruzou-se no território de Évora, deixando marcas de inovação combinadas com casamentos de consciente possível com elementos de Antigo Regime. Mas a construção de identidade local – no século XIX – foi também um movimento que forjou marcas sociais e culturais na população da cidade. Ao enjeitar-se a festa de Camões, tendo como contraponto o dia 1 de Dezembro, as desvairadas gentes de Évora tiveram o engenho e arte política de fazer prevalecer nas práticas de comemorações pública o ADN imaginário da cidade. E o 1º de Dezembro espalhou-se em vagas de sonoridades e de paisagens musicais, chegando ao coreto do Jardim Público, ao Giraldo, as gentes assistiam ao desfile das bandas e de filarmónicas tocando e recreando; as elites locais deslocavam-se ao Teatro Garcia de Resende. E os balões e os fogos que se erguiam pelas noites fria do iniciar de Dezembro evocavam cenografias sonoras aos presentes, e aos vindouros, os fogos de som e de luz que o Barroco havia consagrado na Europa Clássica.

25 *Olhar para as fotografias com outros ouvidos*¹⁸ permitiu descentrar a obediência de eixos de comando político centralizados na sacralidade das Cortes legislativas ou no poder executivo residente, simbolicamente, na grande praça pombalina da capital do Império – Terreiro do Paço! Tal como a historiografia desafia hoje o papel secundarizado e invisível das periferias na construção de um mundo global, também o local e o território com a sua população devem ser estudados de forma íntegra e



completa, dentro do contexto da região e das dinâmicas locais que envolvem a população desse território. Ir ao encontro de sonoridades de oitocentas foi sem dúvida um excelente exercício de historiadores que esperam ter dado algum contributo útil á área de trabalho de paisagens sonoras. Um campo em afirmação e que muito tem ainda para desvendar e para oferecer à prática científica interdisciplinar.

Bibliographie

Des DOI sont automatiquement ajoutés aux références par Bilbo, l'outil d'annotation bibliographique d'OpenEdition. Les utilisateurs des institutions qui sont abonnées à un des programmes freemium d'OpenEdition peuvent télécharger les références bibliographiques pour lesquelles Bilbo a trouvé un DOI.

Format

APA

MLA

Chicago

Le service d'export bibliographique est disponible aux institutions qui ont souscrit à un des programmes freemium d'OpenEdition.

Si vous souhaitez que votre institution souscrive à l'un des programmes freemium d'OpenEdition et bénéficie de ses services, écrivez à : contact@openedition.org

ALMEIDA, Ferreira (2007), “Ciclo das Bandas Militares no Exército Português”. *Boletim da Banda Sinfónica do Exército. Eurídice*. Lisboa: Exército Português, n.º 4, 1ª série, Março, 16 – 20.

ARQUIVO MUNICIPAL. *CADERNOS* (2010), n.º 3, “A implantação da República em Évora”, Évora, Câmara Municipal de Évora/Arquivo Municipal.

AUGUSTO, Carlos Alberto (2014), *Sons e Silêncios da Paisagem Sonora Portuguesa*, Lisboa: Ensaio da



Fundação / Fundação Francisco Manuel dos Santos.

BAKER, Geoffrey and KNIGHTON, Tess (2011), *Music and Urban Society in Colonial Latin America*. Cambridge: Cambridge University Press.

BERNARDO, Maria Ana (2001), *Sociabilidade e Distinção em Évora no século XIX. O Círculo Eborense*. Lisboa: Edições Cosmos.

Format

APA

MLA

Chicago

Le service d'export bibliographique est disponible aux institutions qui ont souscrit à un des programmes freemium d'OpenEdition.

Si vous souhaitez que votre institution souscrive à l'un des programmes freemium d'OpenEdition et bénéficie de ses services, écrivez à : contact@openedition.org

BIJSTERVELD, Karin (ed.) (2013), *Soundscape of the urban past*, Bielefeld: Transcript Verlag.

DOI : [10.14361/transcript.9783839421796](https://doi.org/10.14361/transcript.9783839421796)

BOMBI, Andrea; CARRERAS, Juan José; y MARÍN, Miguel Ángel (2005), *Música y cultura urbana en la edad moderna*, Valencia: Universidad de València.

CARDOSO, José Luís (2019), *A Revolução Liberal de 1820*, Lisboa: Clube do Colecionador dos Correios.
<http://hdl.handle.net/10451/40192>

CATROGA, Fernando (2013), *A geografia dos afectos pátrios. As reformas político-administrativas (sécs. XIX-XX)*. Coimbra, Almedina

COMEMORAÇÕES Centésimo Aniversário da Morte de Francisco Barahona (2005). Évora: Câmara Municipal de Évora.



CORBIN, Alain (1994), *Les cloches de la terre: paysage sonore et culture sensible dans les campagnes au XIXe siècle*. Paris: Éditions Albin Michels S.A.

ESPANCA, Tulio, (1980- 81), “O Coreto do Jardim Público”, in *A Cidade de Évora. Boletim de Cultura da Câmara Municipal*. Évora: Câmara Municipal de Évora, n.º 63/64, 150 – 153.

EVORA COM CIENCIA. PERCURSOS (2019), Editors: Mariana Soler, Mariana Valente e António Candeias, Nuno Carriço, Ed. Universidade de Évora, Tipografia Gráfica Eborense.

FONSECA, Helder Adegar (1996), “Protagonismo, Prestígio Social e Coesão”, in *O Alentejo no século XIX. Economia e Atitudes Económicas*. Imprensa Nacional Casa da Moeda, 185 – 221.

Format

APA

MLA

Chicago

Le service d'export bibliographique est disponible aux institutions qui ont souscrit à un des programmes freemium d'OpenEdition.

Si vous souhaitez que votre institution souscrive à l'un des programmes freemium d'OpenEdition et bénéficie de ses services, écrivez à : contact@openedition.org

FOUCAULT, Michel (1990), *Les Mots et les Choses: Une Archéologie des Sciences Humaines* (French) Mass Market Paperback, Paris, Gallimard.

DOI : [10.14375/NP.9782070293353](https://doi.org/10.14375/NP.9782070293353)

GODINHO, Silva, (1980 – 81), “Temas Oitocentistas Eborenses”, in *A Cidade de Évora. Boletim de Cultura da Câmara Municipal*. Évora: Câmara Municipal de Évora, n.º 63/64: 97 – 121.



GODINHO, Silva, (1982 – 83), “Temas Oitocentistas Eborenses”, in *A Cidade de Évora. Boletim de Cultura da Câmara Municipal*. Évora: Câmara Municipal de Évora, n.º 65/66: 166 – 188.

GODINHO, Silva, (1984 – 85) “Temas Oitocentistas Eborenses”, in *A Cidade de Évora. Boletim de Cultura da Câmara Municipal*. Évora: Câmara Municipal de Évora, n.º 67/68: 39 – 67.

GODINHO, Silva, (1986 – 97), “Temas Oitocentistas Eborenses”, in *A Cidade de Évora. Boletim de Cultura da Câmara Municipal*. Évora: Câmara Municipal de Évora, n.º 69/70: 63-66.

Format

APA

MLA

Chicago

Le service d'export bibliographique est disponible aux institutions qui ont souscrit à un des programmes freemium d'OpenEdition.

Si vous souhaitez que votre institution souscrive à l'un des programmes freemium d'OpenEdition et bénéficie de ses services, écrivez à : contact@openedition.org

GOODMANN, Dena (1992), «Public Sphere and private life: toward a synthesis of current historiographical approaches to the old regime», *History and Theory. Studies in the Philosophy of History*, vol. 31, n. 1, (pp. 1-20).

DOI : [10.2307/2505605](https://doi.org/10.2307/2505605)

GRACIA, [Lucía Aguila](#) (2003), *La arquitectura del agua: fuentes y pilares de la Edad Moderna en Granada*, Ed. Universidad Granada.

GUTTON, Jean-Pierre (2000), *Bruits et sons dans notre histoire*, Paris: Presses Universitaires de France, 2000.



KELMAN, Ari Y. (2010), “Rethinking the Soundscape: A critical genealogy of a key term in sound studies”, in *The Senses and Society* 5, n.º 2, pp. 212-234.

LEAL, João (2000), *Etnografias Portuguesas (1870-1970). Cultura Popular e Identidade Nacional*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.

Format

APA

MLA

Chicago

Le service d'export bibliographique est disponible aux institutions qui ont souscrit à un des programmes freemium d'OpenEdition.

Si vous souhaitez que votre institution souscrive à l'un des programmes freemium d'OpenEdition et bénéficie de ses services, écrivez à : contact@openedition.org

LEAL, Joana Cunha (2017) - Giuseppe Cinatti: pequeno roteiro de grandes obras. *Estudos Italianos em Portugal*. N° 12.

DOI : [10.14195/0870-8584_12_16](https://doi.org/10.14195/0870-8584_12_16)

Format

APA

MLA

Chicago

Le service d'export bibliographique est disponible aux institutions qui ont souscrit à un des programmes freemium d'OpenEdition.

Si vous souhaitez que votre institution souscrive à l'un des programmes freemium d'OpenEdition et bénéficie de ses services, écrivez à : contact@openedition.org

MACMILLAN, Alexandre (2010), « La biopolitique et le dressage des populations », *Cultures & Conflits* [En ligne], 78 | été, mis en ligne le 06 mars 2012, consulté le 06 août 2020. <https://journals.openedition.org/conflits/1795>



DOI : [10.4000/conflits.17959](https://doi.org/10.4000/conflits.17959)

MARTINS, Cristiana (2020), “O adeus aos monges da Cartuxa”, *Expresso* online: <https://multimedia.expresso.pt/cartuxa/> [consultado 05/08/2020]

Format

APA

MLA

Chicago

Le service d'export bibliographique est disponible aux institutions qui ont souscrit à un des programmes freemium d'OpenEdition.

Si vous souhaitez que votre institution souscrive à l'un des programmes freemium d'OpenEdition et bénéficie de ses services, écrivez à : contact@openedition.org

MENEGUELLO, Cristina, (2017), «Das ruas para os museus: a paisagem sonora como memória, registro e criação», *MÉTIS: história & cultura* – v. 16, n. 32, p. 22-42, jul./dez. 2017. DOI: [10.18226/22362762.v16.n.32.01](https://doi.org/10.18226/22362762.v16.n.32.01) <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/metis>.

DOI : [10.18226/22362762.v16.n.32.01](https://doi.org/10.18226/22362762.v16.n.32.01)

“MÚSICA, CIUDAD Y PAISAJES SONORAS EN CHILE: una Introducción” (2013) , *Resonancias* n°33, diciembre / Documentos. pp 13-51.

Format

APA

MLA

Chicago

Le service d'export bibliographique est disponible aux institutions qui ont souscrit à un des programmes freemium d'OpenEdition.

Si vous souhaitez que votre institution souscrive à l'un des programmes freemium d'OpenEdition et bénéficie de ses



services, écrivez à : contact@openedition.org

OTONDO, Felipe (2018), “Paisajes sonoros reales e imaginários”, *Resonancias* vol. 22, n°42, enero-junio , pp. 131-141 / Documentos.

DOI : [10.7764/res.2018.42.7](https://doi.org/10.7764/res.2018.42.7)

PAULA, Rodrigo Teodoro de (2017), *Os sons da morte: estudo sobre a sonoridade ritual e o cerimonial fúnebre por D. Maria I, no Brasil e em Portugal (1816-1822)*, Dissertação Doutoramento em Ciências Musicais, FCSH-UNL: <http://hdl.handle.net/10362/28839>

QUEIMADO, José Manuel (1975), *Alentejo Glorioso. Évora, suas ruas e conventos*, Évora, Edição Autor.

RISCOS DE UM SÉCULO. Memórias da Evolução Urbana de Évora (2001), Cármen Almeida (org.). Évora: Câmara Municipal de Évora. Arquivo Fotográfico Municipal.

ROSA João (1926), *Iconografia Artísticas Eborenses. Subsídio para a História da Arte no Distrito de Évora*, com prefácio de Manuel de Sousa Pinto, Lisboa, Imprensa Nacional.

ROSA, João (1940), *Breves notícias de Arte, Etnografia e História*, Lisboa,

ROTEIRO FOTOGRÁFICO OITOCENTISTA (2013). Arquivo Fotográfico de Évora, C.M. Évora: <http://www2.cm-evora.pt/arquivofotografico/roteiro/>

RUSSO, Susana Bilou (2017), *As bandas filarmónicas enquanto património: um estudo de caso no concelho de Évora*, Tese de Mestrado em Antropologia, Especialidade em Antropologia: Patrimónios e Identidades, ISCTE.

SALGUEIRO, Teresa Barata (1992), *A Cidade em Portugal. Uma Geografia Urbana*. Porto: Afrontamento.



SCHAFFER, Murray (1969), *The New Sandscape: a*

handbook for the modern musical teacher, Don Mills, Ontario: BMI Canadá,.

SCHAFER, Murray (1994), *The Tuning of the Word*, New York: Kenopf, 1977, republicado como *The Soundscape*, Rochester, Vermont: Destiny Books.

ZOAZAYA-MONTES (2019), “Figura falantes: esculturas do período burgues em Évora (1850-1930)”, *Évora com Ciência. Percursos*, Editors: Mariana Soler, Mariana Valente e António Candeias Nuno Carriço; Ed. Universidade de Évora, Tipografia Gráfica Eborense; pp. 301-324.

Notes

1. A literatura acerca da abordagem Foucault à biopolítica como instrumento invisível de poderes institucionais para «adestramento» de população num território e numa temporalidade específica foi muito útil para podermos aprofundar alguns dos dados empíricos que a investigação nos conduziu.

2. Consideramos estratégico ter a voz de poder da cidade nas páginas de divulgação e de publicação de Évora como cidade histórica milenar e como Património da Humanidade; assim remetemos para <http://www.cm-evora.pt/pt/Evoraturismo/Apresentacao/Paginas/Historia.aspx> [consulta 04/08/2020].

3. Destaque especial para imprensa oitocentista de Évora, para a revista identitária da urbe, *Cidade de Évora*, e para o espólio do Arquivo Fotográfico da Câmara Municipal de Évora que permitiram publicações de úteis roteiros temáticos sobre os quotidianos da cidade no século XIX e alvares do século XX.

4. Apesar de ser um contexto de História Moderna, este estudo é estratégico para a pedagogia do som da água em contexto urbano, seja de cidade de época Moderna, seja de tempo Contemporâneo.

5. Cfr. Diretório do Museu Nacional de História Natural e da Ciência – Universidade de Lisboa, muito divulgado e utilizado em contexto de pandemia de Covid 19, na Primavera de 2020: <https://www.museus.ulisboa.pt/pt-pt/node/3157>.

6. Silva Godinho tem particular interesse informativo, ainda que seja informação cronologicamente desarrumada, mas que nos permitiu obter dados sobre localização de eventos que fazem a cenografia de paisagem sonora no espaço público de Évora na segunda metade do



século XIX (GODINHO,1982-83; 1984-85; 1986-97).

7. Cfr. Pagina www do projeto. <https://pasev.hcommons.org/> [consulta 02/08/20202]

8. Ter em conta a importância celebrativa e científica da Memória Vintista através das comemorações nacionais, locais da Revolução de 1820: Assembleia da Republica, cidade de Lisboa, Coimbra e Porto.

9. Ver o texto e o vídeo produzido pela equipa do Expresso, «O adeus aos monges da Cartuxa» de uma beleza, textual, visual e sonora muito relevantes: <https://multimedia.expresso.pt/cartuxa/>

10. Giuseppe Cinatti, italiano de origem, nasceu em Siena, na Toscana em 1808, e muito jovem foi estudar Arquitectura para Milão. Por questões políticas deixou Itália e mais tarde em França, Lyon inscreveu-se no curso de cenografia. Em 1836 obteve um contrato no Teatro de S. Carlos em Lisboa a convite do empresário António Lodi. Desenhou edifícios para a cidade do Porto, Viana do Castelo, Setúbal, Sintra, Évora e Lisboa. Na capital desenhou os palacetes da família Bessone, Nunes Correia, na Av. da Liberdade e do par do reino José Maria Eugénio de Almeida, hoje sede do Comando Militar, em S. Sebastião da Pedreira. Também esteve envolvido no restauro das salas do Palácio Real das Necessidades em 1844. D. Maria II concedeu-lhe em 1851 pela sua atividade e serviços prestados, o hábito da Ordem de N. S. da Conceição de Vila Viçosa (LEAL, 2017).

11. Utilizamos como fonte documental a abundante informação constante nos vários números de *Boletim de Cidade de Évora*; um arquivo vital, sobretudo os textos de GODINHO,1982-1993; 1984-85; 1986-97.

12. Uma breve referência ao seu papel e à forma como foi usada, como um arquivo documenta, que é necessário interpelar, questionar e encontrar cirurgicamente as respostas para as nossas perguntas de paisagem sonora durante o Liberalismo em Évora.

13. Na turbulência de atravessar diversos contextos políticos, ideológicos, económicos e sociais Portugal mantém este dia como um Dia Feriado, de sinalização de construção identitária moldada em função do travejamento ideológico de Monarquia vs. Republicanismo, República, Estado Novo e Democracia.

14. *O Occidente. Revista Illustrada de Portugal e do Estrangeiro*. 3º ano. 1 Julho 1880, nº 61 «Festas do Centenário de Camões. Chegada do Cortejo Cívico à Praça Luís de Camões», p. 1.

15. Com especial destaque para O Manuelinho; O Sul, A Folha de Évora.



16. Um destaque especial para os subtítulos que o Autor usa: «A política e os Músicos» (p. 108 e ss.); «A primeira festa no Teatro Garcia

de Resende» (p. 100 e ss).

17. Usamos de empréstimo a expressão coloquial da nossa Colega de equipa Cármen Almeida. Um conceito operatório que foi assimilado pela equipa Pasev – IHC.

18. A expressão da equipa cruzada com a leitura de João Leal (2000) foi muito útil para sair da encruzilhada empírica em que nos encontrávamos.

Auteurs

Maria de Fátima Nunes

**IHC-FCSH-NOVA – Pólo da
Universidade de Évora,
mfn@uevora.pt**

Sara Albuquerque

**IHC-FCSH-NOVA – Pólo da
Universidade de Évora,
sma@uevora.pt**

Cármen Almeida

**IHC-FCSH-NOVA – Pólo da
Universidade de Évora,
carmenfalmeida@gmail.com**

© Publicações do Cidehus, 2021

Conditions d'utilisation : <http://www.openedition.org/6540>



Référence électronique du chapitre

NUNES, Maria de Fátima ; ALBUQUERQUE, Sara ; et ALMEIDA, Cármen. *Retalhos de paisagem sonora em Évora (1820-1910)* In : *Paisagens sonoras históricas : Anatomia dos sons nas cidades* [en ligne]. Évora : Publicações do Cidehus, 2021 (généré le 04 janvier 2022). Disponible sur Internet : <<http://books.openedition.org/cidehus/17367>>. ISBN : 9791036584572. DOI : <https://doi.org/10.4000/books.cidehus.17367>.

Référence électronique du livre

CONDE, Antónia Fialho (dir.) ; SÁ, Vanda de (dir.) ; et PAULA, Rodrigo Teodoro de (dir.). *Paisagens sonoras históricas : Anatomia dos sons nas cidades*. Nouvelle édition [en ligne]. Évora : Publicações do Cidehus, 2021 (généré le 04 janvier 2022). Disponible sur Internet : <<http://books.openedition.org/cidehus/16834>>. ISBN : 9791036584572. DOI : <https://doi.org/10.4000/books.cidehus.16834>. Compatible avec Zotero

